



a festa dos montes

Julieta Silva

atrasdosbarrocos.com

Prefácio

A Festa dos Montes é uma singular etnografia de uma prática tradicional que anualmente se realiza no primeiro domingo do mês de Fevereiro (depois do dia de S. Brás), na aldeia dos Montes, no concelho de Trancoso. A autora é uma acordeonista que estudou, também, canto e composição, conhecida pela participação, entre outros, em grupos como o GEFAC (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra), o Chuchurumel ou o Diabo a Sete.

O estudo resultou, primeiro, de um impacto emocional, vivido pela autora quando, em 2002, pela primeira vez, assistiu à Festa dos Montes – “Fiquei absolutamente fascinada pela força e pela energia que emanam por todo aquele espaço, no dia do São Brás dos Montes” – e, depois, da proposta de trabalho para o seminário Práticas Musicais Tradicionais em Portugal, do curso de pós-graduação Estudos de Música Popular, realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Julieta Silva aborda a realidade em estudo segundo dois vectores principais: a observação e análise, ao longo de vários anos, da Festa dos Montes; e a investigação histórica, em arquivos e periódicos locais. O estudo procura compreender a Festa dos Montes a partir da performance musical, considerando não só o momento de realização, no dia do evento, como, também, toda a preparação que acontece nos dias que antecedem a festa. Esta abordagem assenta em propostas teóricas actuais de etnomusicólogos como Anthony Seeger. Aliás, em linha com essa corrente de pensamento, a autora estabeleceu laços privilegiados

com músicos de competência reconhecida pelas maltas e colaborou na preparação de instrumentos para a festa, como os membranofones. Ou seja, para a compreensão dos sentidos e experiências que emergem na Festa do Montes, Julieta Silva não se circunscreveu à simples observação mas, antes, disponibilizou-se a aprender, a transformar-se, através da experiência.

O estudo sobre romarias portuguesas de Pierre Sanchis, “Arraial: Festa de um Povo – As romarias portuguesas”, é recorrentemente referido neste trabalho. Compreendendo a Festa dos Montes num contexto mais lato, português, de realização de rituais marcados pelo confronto entre a “religião oficial, da Igreja, e a religião popular”, o estudo de caso de Julieta Silva acaba por ser um importante contributo para uma necessária revisitação destas festividades cíclicas.

Esta publicação encerra, ainda, um interesse acrescentado pelo facto de se dever a Julieta Silva, uma pessoa que passou pelo GEFAC, que foi ao encontro de detentores da tradição para fazer “recolhas” e aprender com eles, que integrou grupos com um particular apreço pela música da tradição oral. Nos últimos anos tem-se assistido em Portugal ao emergir de um novo olhar sobre a música da tradição oral, comumente chamada música de matriz rural, sem nostalgias ou desejos de regresso a passados míticos da história de Portugal. Esta dinâmica configura, por um lado, um interesse pelo “regresso à terra”, mas segundo uma nova consciência em torno da Ecologia, na qual, coordenadas éticas e estéticas, inscritas num novo olhar de convivência sustentada – do Homem e da Natureza –, têm feito sugerir novas leituras e interpretações, como as que emergem, agora, do estudo de Julieta Silva. Por outro lado, este novo regresso à música da tradição oral não deixa de estar compro-

metido com a “era das incertezas” ou os “tempos líquidos” em que, segundo o sociólogo polaco Zygmunt Bauman, vivemos. A autora frisa, ao longo do texto, que a tradição, exactamente por ser dinâmica, possibilita a adaptação essencial à sobrevivência das maltas. Essa capacidade de manter uma tradição que, de cada vez, é sempre diferente, oferece a vivência de uma utopia de uma organização social – a malta – que não se desmorona.

Por fim, sublinho o papel da música na construção da diferença, tal como foi referido por Julieta Silva, relativamente às maltas da Festa dos Montes. Considerando o evento como um acontecimento total, a autora sublinha o facto de as diferentes maltas não partilharem alimentos e de se quererem representar com músicas diferentes, num exercício de rivalidades marcadamente assumido.

A Festa dos Montes divide-se em quatro partes: a primeira, mais descritiva, dá-nos a conhecer a festa, os intervenientes e o contexto em que se realiza; na segunda parte, a análise sincrónica cruza-se com a diacrónica no sentido de compreender o papel da música no evento; na terceira parte a autora apresenta uma descrição organológica e dá a conhecer as transcrições musicais que efectuou, não sem antes discutir os problemas que se colocam, actualmente, a esta forma de registo da música; por último, fala das experiências que a despertaram para este estudo.

Rosário Pestana

Introdução

A Festa do São Brás dos Montes poderia ser um exemplo de um singular ritual que nos transportasse para outros tempos que só na memória moram. Tempos em que a labuta de um homem e o seu divertimento se circunscreviam a um pequeno círculo de coordenadas gaussianas, quando a mobilidade era curta. Mas não, não é isso. Ou, pelo menos, não é apenas isso. A Festa dos Montes existe, hoje, com uma força e uma vitalidade que não podem camuflar qualquer imposição *folclorizadora*. Com a sua panóplia de rituais, que têm tanto de obrigatoriedade como de flexibilidade, firmemente enleada entre os fios emaranhados de uma globalização que já penetrou em todos os poros deste planeta, esta prática reveste-se de uma importância absolutamente incontestável para as pessoas que nela participam. Esta prática está viva. E vive através dos conflitos, das angústias e dos desejos das *maltas* que, ano após ano, insistem em não deixar morrer esta tradição cujos princípios vão remodelando num *continuum* de que depende a sua própria sobrevivência. Esta Festa continua viva e de boa saúde porque não copia nenhum modelo. Renova-se ano após ano, num respeito pela tradição que os mais antigos transmitiram mas sem daí entregar as rédeas da condução dos acontecimentos. Os seus protagonistas fazem a Festa acontecer e mesmo que em determinados aspectos haja repetição, ela não parece ser sentida assim. Há, sim, o sentimento de que cada ano acontece algo importante e novo, algo para o qual todos crêem dar um contributo valioso.